

**NO RITMO DO SAMBA
Um olhar folkcomunicação¹**

Rubens LOPES JUNIOR²
Universidade Metodista de São Paulo

Resumo

Oriundo dos morros cariocas, o samba é uma manifestação popular dos marginalizados. Posteriormente, é transformado em produto de consumo para camadas da população que vão muito além dessas rodas de samba. Esse movimento é o mesmo que podemos enxergar no pensamento beltriano chamado de folkcomunicação. Inicialmente visto como a intermediação entre culturas elitizadas e populares, a folkcomunicação amplia seu leque e vê o movimento inverso, no qual a indústria vem a se alimentar na cultura popular. Esse trabalho irá analisar a história do samba à luz do conceito de folkcomunicação traçando paralelos entre ambos.

Palavras-chave: Samba; Folkcomunicação; Música; Morro; Marginalizados.

¹ Trabalho apresentado no GT Folkcomunicação do PENSACOM BRASIL 2016.

² Doutorando em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), email: prof.rubenslopes@gmail.com

Introdução

A música é uma das mais antigas expressões artísticas que temos registro desde os tempos mais remotos da espécie humana. Seja através de desenhos em antigas cavernas, rabiscos em papiros, quadros, ou qualquer outro tipo de manifestação comunicacional, a música está lá representada em um desenho do “tataravô” de algum instrumento musical conhecido por nós, ou até mesmo representada de forma implícita na dança de algum ritual mágico ou religioso. Partindo dessa perspectiva, vale ressaltar que a comunicação e a música estão intrinsecamente ligadas, sendo a música uma maneira própria de também comunicar.

São incomensuráveis os estilos musicais conhecidos pelo mundo. Cada povo e civilização produz suas manifestações musicais para diversas finalidades, desde rituais mágicos até o puro entretenimento. Porém, dentre essas melodias e canções, algumas ganham notoriedade e se tornam conhecidas muito além do seu próprio local de origem. Por diversas vezes, essas manifestações se ampliam de tal forma que suas essências acabam por serem esquecidas. E o que torna esse fenômeno um interessante objeto de pesquisa é o fato de que algumas dessas expressões musicais surgiram como uma subversão da ordem hegemônica de colonizadores sendo forma de comunicação e resistência. Daí a importância do estudo dessa temática: compreender tais fenômenos comunicacionais sociais e mostrar o quão importante.

Além-mar, as sementes da música no Novo Mundo

É inegável que a história ocidental é eurocêntrica. Logo, estabeleceu-se uma relação desigual de colonizadores e colonizados desde as primeiras navegações. Consequentemente, a história da música também passa por uma visão eurocêntrica.

Porém, não podemos ser ingênuos em acreditar somente que a expressão musical de origem europeia - como nos é apresentada - seja toda a história da música. É algo impossível precisar quando, onde e como a música se tornou presente na

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

humanidade. Povos antigos já se utilizavam de música, quiçá, desde o surgimento do mamífero que, depois de diversas transformações, hoje é chamado de *Homo sapiens sapiens*.

Essa visão eurocêntrica de mundo tem suas consequências. Mario de Andrade (2015), grande nome da literatura brasileira, afirma na década de 40 que é somente na antiguidade que a música se torna música:

Ora as civilizações da Antiguidade já organizam conscientemente os sons e os agrupam em escalas determinadas teoricamente. Possuem o que se pode, em verdade, chamar de arte musical: uma criação social, com função estética, dotada de elementos fixos, formas e regras – uma técnica enfim (ANDRADE, 2015. s/p)³.

Essa visão do nosso grande escritor confirma a hipótese de que a música, assim como diversos aspectos da sociedade, sofre mudanças, evoluções e se torna característica de uma sociedade organizada por classes. A música tem uma função social que separa os superiores dos inferiores. O autor elucida elementos musicais, os definindo como técnica, dando a entender que tal técnica era possível para uns, como na Antiguidade (não existindo música antes desse período), enquanto para outros não. Essa visão hierarquizada tem seus reflexos dentro da concepção musical da sociedade, onde podemos enxergar expressões musicais para a elite e outras para o povo.

Para entender um pouco dessa visão de mundo e sua relação com a música, há um aspecto que é parte fundamental da história da humanidade: a religião. Outrora tida como magia (naquelas sociedades tribais), ela se desenvolve em diversas ramificações ao redor do globo. Nos dedicaremos aqui a religião que se institucionaliza no Império Romano na segunda metade do século IV: o catolicismo.

Hegemônica na Europa durante muitos séculos, é inegável que essa instituição moldou costumes, práticas e regras. Dentre essas influências cristãs, talvez a música

³ Esse livro foi publicado originalmente na década de 1940 e foi editado para *e-book* em 2015. Por isso, a numeração de páginas é diferente do livro original. No *e-book Kindle*, da *Amazon*, a citação encontra-se na posição 259.

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

tenha sido a que mais se faz presente nos dias de hoje e, por mais estranho que isso possa soar, silenciosamente. Automaticamente, se essa religião é hegemônica, ela se posiciona como superior ou talvez até como única visão de mundo possível, novamente reduzindo e deslegitimando o valor de outras culturas e civilizações.

Segundo Mario de Andrade (2015), foi por conta dessa hegemonia - inicialmente relacionada com a unificação da liturgia - que a Igreja Católica é criadora da escala diatônica (do, ré, mi, fá, sol, lá, si, do), a mais famosa no mundo:

Como não era possível inventar de pronto uma teoria e prática musicais novas, os cristãos foram buscar os cânticos (aliás já contaminados pela música grega) do culto hebraico, a que o Cristianismo viera apenas definitivar. Transplantaram pois esses cantos para o culto novo, simplificando-os, tirando instrumentos acompanhantes, repudiando o cromatismo “sensual”, evitando o mais possível a recordação das práticas gregas. Com isso a música adquirira um conceito exclusivamente vocal e monódico (ANDRADE, 2015. s/p)⁴.

Vale ressaltar aqui alguns pontos dessa afirmação de Mario de Andrade, como o fato do repúdio ao cromatismo⁵, redução de instrumentos e a música ganhando um aspecto vocal e monódico. Posteriormente é no papado de Gregório Magno (590 – 604 d.C.) que a consolidação desse sistema musical se dá. Quanto mais a Igreja ampliava sua influência, mais essa “nova música” se fazia presente.

Roma lembra principalmente Gregório Magno (papa de 590 a 604). Fundando a *Schola Cantorum*, verdadeira profecia dos conservatórios, e mandando escrever o antifonário em que se grafaram as antífonas e resposos do ofício anual, São Gregório deu à música romântica uma organização tão convincente que se generalizou pela cristandade e fixou a melodia católica (ANDRADE, 2015. s/p)⁶.

⁴ Localização no *e-book*: 405

⁵ Cromatismo é a menor distância que a cultura ocidental conhece entre duas notas. Para ilustrar: é a distância entre as teclas brancas e pretas do piano.

⁶ Localização no *e-book*: 430

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

Essa forma de organização institucional religiosa se expande também nas colônias. Sabe-se que a colonização da América é europeia. Sabemos também que a Igreja foi perdendo suas forças e poderes, ficando cada vez mais despojada de sua capacidade de influência social e política de outrora. Este processo ficou conhecido como secularização: declínio da capacidade de influência cultural e social da religião em estabelecer crenças, condutas e práticas dos indivíduos; implica necessariamente na separação de Igreja e Estado.⁷

Vale ressaltar também que a Reforma Protestante (1517) foi um duro golpe na hegemonia católica; a mudança do ponto nevrálgico católico (o ato da consagração na missa) pela palavra (a bíblia) - esta se tornando o cerne do protestantismo. Entretanto, o que poucas pessoas percebem é que mesmo com tantas oscilações e mudanças de poder, a música estava lá, diatônica em seu dó, ré, mi, fá. Mesmo nos dias de hoje podemos ouvir músicas sacras que transitam entre igrejas protestantes e católicas, como no caso da belíssima melodia do compositor J. S. Bach (1685 – 1750), *Jesus, a alegria dos homens*.

Beltrão (1980) mostra uma relação íntima entre civilização, comunicação e religião como sendo o ponto de partida para sua reflexão. Afirma que os “romanos consideravam bárbaros os povos que não falavam o latim” (BELTRÃO, 1980. p.01), que no ocidente civilização “se mediria pelos preceitos do cristianismo que, durante mil anos, inspirara a constituição dessas nações em estados e a institucionalização do poder” (BELTRÃO, 1980. p.01), e no período que ele chama de Revolução Comercial, as ideias somente transitaram por conta da “vulgarização dos conhecimentos que o livro tipográfico tornara acessíveis a maiores camadas de cada nação” (BELTRÃO, 1980. p.01).

⁷ Para compreender o conceito de secularização, ver em PIERUCCI, Antonio Flávio. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar “aquele velho sentido”. In **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 13, n. 37, São Paulo, Junho e 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69091998000200003>>. Acessado em: 23.04.2016, às 13h.

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

Parece-nos exato afirmar que é nesse momento histórico que se situa a origem mundial de cada sistema de comunicação, ou seja, do conjunto específico de procedimentos, modalidades e meios de intercâmbio de informações, experiências, ideias e sentimentos essenciais à convivência e aperfeiçoamento das pessoas e instituições que compõem a sociedade (BELTRÃO, 1980. p.02).

Como consequência da sua concepção de comunicação, uma divisão se faz presente, novamente com a religião como pano de fundo. Beltrão (1980) atribui tal desdobramento a ruptura do que ele chama de “universo social” da égide da mesma fé (católica cristã). O povo ficaria, assim, dividido entre as camadas da população que tinham acesso ao livro, seja como leitores ou autores, - aqueles que possuem acesso à educação -, no intuito da “consolidação e manutenção do poder e dos privilégios que sua capacidade política lhes conferira” (BELTRÃO, 1980. p.02), enquanto que do outro lado havia a camada da população que não tinha acesso ao livro sequer como meros leitores. O autor afirma que essa camada da população era formada por pessoas analfabetas em sua grande maioria, sem acesso à educação, as quais eram “preocupadas unicamente em subsistir à falta de recursos econômicos” (BELTRÃO, 1980. p.02).

Essa realidade social impacta diretamente o desenvolvimento dos meios de comunicação. Segundo ele, a ciência e a crescente tecnologia acabam por sedimentar ainda mais tais condições, pois cada vez que buscava-se a integração da comunicação, esbarrava-se em uma dicotomia entre “grupos organizados - que constituem o que se convencionou chamar elite – (...) e os grupos não-organizados, a massa” (BELTRÃO, 1980. p.02). Como consequência dessa condição, podemos enxergar através da visão do autor o porquê de termos grupos que podem ser caracterizados como marginalizados.

Os primeiros estão expostos, captam e decodificam as mensagens dos meios de comunicação massivos, todos grandes empreendimentos econômicos, de que são proprietários, patrocinadores e colaboradores conscientes; os últimos, não expostos ou apenas consumidores passivos de tais meios que, como o livro, exigem “alfabetização” para que suas mensagens sejam entendidas,

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

inclusive em seu significado latente. Por isso, sem poder decisório, excluídos de uma participação ativa no processo civilizatório, em uma palavra, *marginalizados* (BELTRÃO, 1980. p.02).

Inicialmente as novas colônias já tinham os seus habitantes, os indígenas. Povos que habitavam toda a América, desde o ponto mais longínquo no sul do Chile, até os aborígenes no Alaska. Essas populações, a princípio, sofreram com a evangelização dos colonizadores; consequência da noção de superioridade dos europeus enquanto sociedade. Posteriormente, com a colonização africana, outros povos é que pagam o preço de “não serem europeus”.

O primeiro navio com escravos aportou nos Estados Unidos em 1619, na então colônia da Virgínia. Poucas décadas depois, a escravidão já era elemento constituinte de praticamente todas as colônias e caminhava para uma institucionalização cada vez maior (MUGGIATI, 1985). Na América do Sul, especificamente no Brasil, não foi diferente. Esses povos que foram trazidos a força e tratados como objetos continuaram sofrendo durante os séculos seguintes. A escravidão na América do Norte foi abolida oficialmente no início do século XIX, enquanto que no Brasil somente no final deste mesmo centenário.

Essa forma de visão como parâmetro de convivência na colônia é determinante para diversos fenômenos sociais. Dentre eles, delimitamos o campo da música, mais especificamente no estilo musical chamado de samba.

Quem não gosta de samba, não conhece folkcomunicação

Visto esse panorama de diversas etnias em um só lugar, podemos nos ater ao objeto desse artigo. Conhecida como uma expressão musical tipicamente brasileira, o samba é oriundo de escravos recém-libertos que se instalaram nos morros cariocas. O samba não é só a palavra, mas a identidade e a forma de mostrar o que se passa nos morros, assim como a presença de instrumentos percussivos, manifestação ritmada e

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

liberação do corpo, característicos da cultura africana. É inegável também sua ligação com as religiões de matrizes africanas (TINHORÃO, 1991).

A história do samba carioca é, assim, a história da ascensão social contínua de um gênero de música popular urbana, num fenômeno em tudo semelhante ao do jazz, nos Estados Unidos. Fixado como gênero musical por compositores de camadas baixas da cidade, a partir de motivos ainda cultivados no fim do século XIX por negros oriundos da zona rural, o samba criado à base de instrumentos de percussão passou ao domínio da classe média, que o vestiu com orquestrações logo estereotipadas, e o lançou comercialmente como música de dança de salão (TINHORÃO, 1997. p.20).

Suponhamos que seja possível nos colocarmos por instantes na condição dos escravos africanos trazidos à força para a América do Sul, tratados como objetos e proibidos de se manifestarem à sua maneira. Tais pessoas definitivamente estavam à margem da sociedade. Não estavam no seu lugar e o lugar que estavam não era seus. Provavelmente, de alguma forma tinham que buscar sua liberdade e oferecer resistência a essa condição. É a partir desse contexto que surgem estilos musicais como forma de resistência e propagação, de certa forma, de sua cultura. Consequentemente, há o surgimento de diversos estilos musicais populares marginalizados.

Se analisarmos essa manifestação musical à luz dos conceitos beltranianos, mas não somente focando nas letras e nos pioneiros ou consagrados cantores, mas também analisar como é a essência da construção musical (aqui falo da técnica musical) desse estilo, podemos encontrar nessa essência os elementos que a caracterizem como comunicação marginalizada.

A reinterpretção das mensagens não se fazia apenas em função da “leitura” individual e diferenciada das lideranças comunitárias. Mesmo sintonizadas com as “normas de conduta” do grupo social, ela continha fortemente o sentido da “coesão” grupal, captando os signos da “mudança social”, típico de sociedades que sofrem as agruras do meio ambiente e necessitam transformar-se para sobreviver (MARQUES DE MELO, 2008. p.29).

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

Esses descendentes de escravos que traziam consigo o estigma social de não puderem reproduzir sua cultura, se negaram a reproduzir a cultura do dominador, germinando a semente desses novos estilos musicais. Mais ainda: posteriormente, essa manifestação originalmente marginalizada, foi absorvida e transformada em entretenimento elitizado. Movimento parecido com o que os herdeiros da teoria folkcomunicação de Luiz Beltrão apontam:

Contudo, para legitimar-se socialmente e para conquistar os mercados constituídos por cidadãos que não assimilaram inteiramente a cultura alfabética, a indústria cultural brasileira necessitou retroalimentar-se continuamente na cultura popular. Muito dos seus produtos típicos, principalmente no setor do entretenimento, resgataram símbolos populares, submetendo-os à padronização típica da fabricação massiva e seriada (MARQUES DE MELO, 2008, p.18).

Se falamos aqui de marginalizados, é porque existe uma camada da população que enxerga outra camada justamente como marginalizada, não é algo inerente ao ser humano, é uma característica social. Tal condição é comum no Brasil colonizado pelos europeus, pois falamos de um novo país onde havia um convívio de etnias distintas, como os índios e negros, sendo eles dominados pelo branco europeu. (FREYRE, 2006) Essa leitura abre um leque de inúmeras possibilidades de estudos e compreensão desse fenômeno. Sérgio Buarque de Holanda (1999) defende a ideia de que houve uma tentativa de implantação da cultura europeia em nosso território e esse fato é o que mais gera consequências no surgimento e desenvolvimento da sociedade brasileira.

A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem (HOLANDA, 1999. p.31).

É impactante a expressão utilizada pelo autor, afirmando que somos “desterrados em nossa terra”. Quando falamos da comunicação e o brasileiro, é impossível não voltar às nossas raízes lusitanas. Afinal, até a língua que aqui foi instituída se chama português. Beltrão (1980) acredita que justamente por sermos majoritariamente colonizados pelos portugueses, herdamos algumas características que nos marcam enquanto sociedade. Para ele, a civilização que se constituía na Península Ibérica – no caso a portuguesa – tem características do “caldeamento das culturas cristã e islâmica” (BELTRÃO, 1980. p.07). A língua foi suavizada com “doces palavras mouras, mas também os costumes e a lei” foram, de certa forma, absorvidos (BELTRÃO, 1980. p.07).

Como consequência dessa colonização portuguesa em terras indígenas, que em pouco tempo chegaria o negro escravizado trazido da África, Beltrão enxerga uma lógica presente na sociedade brasileira através da convivência dessas três etnias, na qual criou-se uma realidade onde os homens eram responsáveis pela “devastação das matas e no cultivo dos campos, enquanto as mulheres na faina doméstica dividiam com as sinhás o leito nupcial de seus amos, que também possuiriam índias acobreadas, de olhos e cabelos negros” (BELTRÃO, 1980. p.07). O autor é enfático ao atribuir a formação da sociedade brasileira às tais condições.

Surgia, então, uma gente ladina, maliciosa, cheia de expedientes, pouco amiga da disciplina, muito displicente, deixando sempre para amanhã o que podia fazer hoje, dando um jeito mesmo nas situações mais embaraçosas. Mas com um forte e sempre vivo sentimento de altivez, autonomia, justiça e bem-querer, que levaria o escravo, o subalterno, o inferior na escala social a criticar e zombar do amo ou do superior, a lançar fora o jugo intolerável, a

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

punir às vezes com rigor, mas sempre terminando por esquecer e perdoar (BELTRÃO, 1980, p.08).

Samba e Folkcomunicação, a cadência perfeita

Este cenário que Beltrão (1980) nos apresenta é propício para estudarmos o samba como manifestação popular marginalizada e folkcomunicacional. Primeiramente, porque em cada ambiente da folkcomunicação existirá sua própria sintaxe e seu próprio vocabulário. Sendo assim, a linguagem do folclore que se “apresenta como enigmática, a desafiar (...) nossa capacidade de descobrir o segmento semântico codificável” (BELTRÃO, 2004, p.69), depende de uma “pesquisa das linguagens específicas utilizadas pelos indivíduos que a compõem e dos meios de expressão por eles utilizados” (BELTRÃO, 1980, p.40). Schurmann (1989) é um autor que transita pelo que chama de estado selvagem, barbárie e civilização para entender a música como linguagem. E se podemos caracterizar a música como linguagem, temos elementos para estudar o samba como uma linguagem do folclore, uma manifestação marginal.

Falar em linguagem musical implica necessariamente considerar-se a música, ou pelo menos um conjunto de certas manifestações musicais, como pertencente a um campo de fenômenos mais amplo, chamado linguagem. Implica ainda uma distinção entre a linguagem musical e eventuais outras linguagens não musicais (SCHURMANN, 1989, p.09).

Outro aspecto relevante da teoria beltrania que faz eco ao samba ser uma manifestação folkcomunicacional é o fato desse estilo musical ser originalmente marginalizado, ligado, indubitavelmente, ao carnaval, no qual podemos enxergar “indivíduos situados nos escalões inferiores da sociedade, constituindo as classes subalternas, desassistidas, subinformadas e com mínimas condições de acesso” (BELTRÃO, 1980, p.40) que, segundo Tinhorão (1991), criam “os gêneros de música urbana reconhecidos como mais autenticamente cariocas – a marcha e o samba –

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

surgiram da necessidade de um ritmo para a desordem do carnaval” (TINHORÃO, 1991. p. 119).

Finalmente, “os sambistas dos morros cariocas” (BELTRÃO, 1980. p.36) podem ser considerados líderes folkcomunicacionais, pois possuem “habilidade de decodificar a mensagem ao nível do entendimento de sua audiência” (BELTRÃO, 1980. p.36) através da linguagem que dominam (a música), seja ela formal ou intuitiva. Se utilizam de “procedimentos de intercâmbio de informações (...) através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980. p.24), como no carnaval (manifestação folkcomunicacional), onde “os blocos de sujo passavam, com seus instrumentos de lata, (...) No resto do ano, eram favelados que atravessavam para comprar querosene e carvão numa venda quase em frente (a maioria não tinha luz elétrica nem fogão a gás) (BOLÃO, 2010. p. 146).

Além do mais, posteriormente essa manifestação originalmente marginalizada foi absorvida e transformada em entretenimento elitizado.

Nascido como gênero carnavalesco do aproveitamento de ritmos baianos por partes dos compositores cariocas (principalmente Sinhô), passaria também em pouco tempo ao domínio dos primeiros profissionais da classe média que dominaram desde logo os meios do disco e do rádio, passando a evoluir segundo toda uma série de influências estranhas à cultura popular brasileira (...) (TINHORÃO, 1997. p.20).

Movimento parecido com o que os herdeiros da teoria folkcomunicacional de Luiz Beltrão apontam:

Contudo, para legitimar-se socialmente e para conquistar os mercados constituídos por cidadãos que não assimilaram inteiramente a cultura alfabética, a indústria cultural brasileira necessitou retroalimentar-se continuamente na cultura popular. Muito dos seus produtos típicos, principalmente no setor do entretenimento, resgataram símbolos populares, submetendo-os à padronização típica da fabricação massiva e seriada (MARQUES DE MELO, 2008, p.18).

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

Existem diversos elementos que na teoria folkcomunicacional podem ser vistos na trajetória do samba, dos quais esse trabalho apontou somente alguns. Vale ressaltar que seria impossível em um artigo explorar todos os aspectos possíveis da relação entre o samba e a folkcomunicação. Porém, o intuito é que esse artigo seja justamente o ponto de partida e reflexão para esse fenômeno tão rico e importante para compreendermos melhor nossa própria história e cultura.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Mario de. **Aspectos da música brasileira**. São Paulo: Nova fronteira, 2015a. *E-book*.
- ANDRADE, Mario de. **Música de Feitiçaria no Brasil**. São Paulo: Nova fronteira, 2015b. *E-book*.
- ANDRADE, Mario de. **Pequena história da música**. São Paulo: Nova fronteira, 2015c. *E-book*.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Editora Cortez, 1980.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.
- BOLÃO, Oscar. **Batuque é um privilégio: A percussão na música do Rio de Janeiro para músicos, arranjadores e compositores**. São Paulo: Irmãos Vitale, 2010.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- FREYRE, Gilberto. **Alhos & Bugalhos: ensaios sobre temas contraditórios: de Joyce à cachaça, de José Lins do Rego ao Cartão-Postal**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2006.
- FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.
- SACKS, Oliver. **Alucinações musicais: relatos sobre a música e o cérebro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHURMANN, Ernst F. **A música como linguagem**: uma abordagem histórica. São Paulo: Brasiliense, 1988.

TINHORÃO, José Ramos. **A história social da música popular brasileira**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

TINHORÃO, José Ramos. **Música Popular**: um tema em debate. São Paulo: Ed. 34. 1997

TINHORÃO, José Ramos. **Pequena história da Música Popular**: da modinha a lambada. São Paulo: Art Editora, 1991.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**: uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.